

AGUALUSA VENDENDO PASSADOS E ANTUNES NOS CUS DE JUDAS: LITERATURA, MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NO CONTEXTO COLONIAL HISTÓRICO LUSÓFONO

Romilton Batista de Oliveira¹

Resumo: *A memória reorganiza os acontecimentos que abalaram as estruturas sociais das antigas tradições diante de um novo paradigma que traz à tona um novo constructo social: a identidade pós-moderna. Nessa perspectiva, propõe-se aqui investigar os processos de construção de memória e das representações identitárias no espaço literário, através de dois textos vistos como emblemáticos das relações entre a literatura e os contextos histórico-político-social que ela evoca. O Vendedor de Passados, do angolano J. Eduardo Agualusa, e Os Cus de Judas, do português A. Lobo Antunes, tratam de momentos e situações da história recente de Angola, envolvendo colonizadores e colonizados em seus dramas em torno da independência do jovem país africano. A pesquisa busca seguir a linha metodológica dos estudos comparados e apoio teórico em certos conceitos-chave de Le Goff (2003), Pollak (1992), Hall (1990), Bakhtin (1995), Halbwachs (2006), Hutcheon (1991), Iser (1996), entre outros.*

Palavras-chave: Literatura Comparada, Representação, Memória, Identidade, Angola.

Introdução

Pensar a literatura sempre foi e ainda é pensar a questão da identidade. Isso porque a literatura é, entre tantos outros lugares, um espaço interdisciplinar por excelência, um espaço onde velhas identidades novas têm sido reconhecidas e valorizadas num trabalho permanente de construção de representações. Com vistas a observar esse processo simultaneamente literário e histórico-cultural, propõe-se abordar as obras do escritor angolano José Eduardo Agualusa, O Vendedor de Passados (VP), e a do romancista português António Lobo Antunes, Os Cus de Judas (CJ) – buscando desvendar os entrelaçamentos entre representação, memória e identidade apresentados no imaginário literário pós-moderno.

Os dois textos têm seus elementos ficcionais situados no fenômeno global de dissolução dos impérios coloniais europeus que se seguiu à Segunda Guerra Mundial e que se configura como um traumático ciclo descolonizador. Nos romances em foco, que

¹ É especialista em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa e em Leitura e Produção Textual (UESC) e é também mestrando em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB. E-mail: romilton.oliveira@bol.com.br

dão o corpus desse estudo, tudo se passa em Angola, antiga colônia portuguesa que vive intensas transformações no novo contexto pós-colonial.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico. A partir de teóricos como Terry Eagleton, Maurice Halbwachs, Stuart Hall, Beatriz Sarlo, entre outros, se fará uma análise das obras literárias VP e CJ numa perspectiva comparatista, levando em consideração o contexto histórico em que essas obras estão inseridas e a *representação*, como eixo teórico, e consecutivamente, a memória como fio condutor da formação de novas identidades. Desta forma pretende-se investigar de que forma os personagens dos romances O Vendedor de Passado e Os Cus de Judas constroem representações identitárias no processo mnemônico, levando em conta o fenômeno da des-re-territorialidade e do hibridismo cultural que se fazem presente em ambos os textos literários.

Este estudo é de suma importância por entendermos que boa parte da pesquisa acadêmica brasileira tem se voltado para a problemática dos países de cultura e língua lusófonas, rompendo com o antigo paradigma monocultural eurocêntrico, detentor de um pensamento cartesiano iluminista de sujeito, portador de uma construção fixa, pronta e elaborada num processo contínuo do conhecimento. Hoje percebe-se que os Estudos Culturais tem dado espaço às minorias e à heterogeneidade cultural que, durante muito tempo, diante da hegemonia de uma cultura dominante, esteve à mercê de seu domínio. E mais do que nunca temos a necessidade de produzirmos projetos, leis e políticas que definitivamente possam *desconstruir* essa antiga concepção de mundo que nos foi imposta. Portanto o problema anteriormente mencionado certamente perpassa por um contexto histórico colonial relacionado a Angola, que, desta forma, representa todos os demais países que estão engajados neste processo de colonização e pós-colonização. Vale salientar que ambas as obras estão intercaladas por um contexto em comum, uma complementando a outra historicamente, do período colonial ao pós-colonial.

Venda de passados: Representações e deslocamentos – Identificando-se no híbrido e des-reterritorializando-se no espaço literário pós-moderno

A identidade de uma nação passa a relacionar-se a uma série de elementos que vão da língua à tradição, passando pelos mitos, sistemas de governo, crença, arte,

literatura, etc., não sendo, portanto, um fenômeno fixo e isolado. É a crise de identidade que termina colocando em risco as estruturas e os processos centrais das sociedades, passando a abalar a velha estabilidade em quase todo o mundo.

A presença do romance no cenário histórico-social vem contribuir significativamente para a formação de uma identidade nacional “imaginada”. Segundo o historiador Benedict Anderson

[...] o romance e o jornal proporcionariam os meios técnicos ideais para “re-presentar” o tipo de comunidade imaginada a que corresponde uma nação. Aí estaria o fenômeno do capitalismo editorial [...], o qual demonstra como é por meio do material impresso que a nação se converte numa comunidade sólida, recorrendo constantemente uma história previamente selecionada. [...] os romances de fundação acabariam por se apresentar como elementos destacados na construção coletiva de um passado e de um “nós” comum e identificado. A partir deles se daria uma espécie de confirmação hipnótica da solidez de uma comunidade, a qual naturaliza a história e o próprio tempo (ANDERSON, 2008, pp. 12-13).

O romance de Agualusa VP representa uma “comunidade imaginada” como define Anderson (2008), pautada na criatividade e invenção de uma nação que necessita de um discurso fundador imaginário para se firmar enquanto nação, e as personagens do romance são construídas através deste “imaginário” que ajudarão na formação histórica da nova nação – Angola. Este argumento encontra respaldo em Stuart Hall quando afirma que

As culturas nacionais, ao produzir sentidos com os quais podemos nos *identificar*. Constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 51)

O autor focaliza a importância do imaginário na produção de sentido em que os sujeitos se identificam, e esta identificação é construída através da memória que serve como instrumento que conecta o passado ao presente a partir das histórias que são contadas pelos sujeitos.

A análise desses dois romances nos leva a descrever a representação e a memória como dois instrumentos que a literatura se utiliza para realizar sua ficção. O tecido literário evoca a presença simultânea dos dois processos que a constituem – o real e o imaginário, construídos numa relação de poder materializado simbolicamente

através de suas personagens. Em contrapartida, a literatura registra outro processo complexo que se faz presente no mundo pós-guerra africano – a *des-reterritorialidade*², fenômeno responsável pela construção do *hibridismo cultural*. De uma forma audaciosa, esta pesquisa funde os dois processos com o objetivo de caracterizar nas obras a presença de um contexto maior em que eles se envolvem, ou seja, a pós-modernidade, mostrando a necessidade de incluí-los nesse contexto, levando em consideração a sua presença em ambos romances analisados.

O romance VP é predominantemente narrado por um réptil, uma osga (lagartixa) batizada de Eulálio por Félix Ventura (O personagem conhecido como “vendedor de passados”). Tudo começa com a chegada de Pedro Gouveia, o suposto “comprador de passado”, à casa de Ventura. Após uma longa conversa, Ventura finalmente cede e resolve trabalhar na construção de uma identidade, criada por FV, a partir de elementos hibridizantes, levando em consideração o processo de des-re-territorialização em que a personagem está envolvida. E assim ele passa a assumir sua nova identidade: José Buchmann. Este torna-se um dos principais personagens do romance e, certamente, representa os angolanos e sua busca por um lugar na sociedade constituída de novos valores.

Do outro lado temos o romance Os Cus de Judas que se centra nas histórias contadas pelo personagem narrador-protagonista de sua própria trajetória em Angola. Médico que era, presenciou diretamente as cenas mais horríveis de sua vida. Conseguiu descrever de forma objetiva as cenas traumáticas da guerra de Portugal contra Angola, uma guerra sem precedentes, sem sentido, como afirmava o médico personagem, e consecutivamente, o próprio escritor Lobo Antunes, levando-se em conta que a obra é autobiográfica. Ao longo do livro descreve-se uma Angola degradada, em plena guerra colonial, fadada à destruição. Podemos, desta maneira, entender que as obras se completam. Cronologicamente e do ponto de vista histórico Os Cus de Judas antecede O Vendedor de Passados, situando sucessivamente dois períodos coloniais: guerra e pós-guerra, colonialismo e pós-colonialismo.

O conhecimento das literaturas a que a diáspora da nossa língua deu origem é, quanto a nós, um bom meio para analisarmos o passado, e um caminho seguro para melhorarmos o futuro que passará inegavelmente por esse triângulo lingüístico (Brasil, Portugal e Angola) onde coexistem sistemas culturais e literários heterogêneos, ainda

² Ver CANCLINI, 2008, p. 309.

que com notórias afinidades que a metodologia comparativa ajuda a conhecer e a explicar, sinalizando a relação intercultural entre essas nações. E é a partir dos estudos sobre a memória que podemos entender o processo de formação de novas identidades. Neste sentido, Pollak (1992) ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou social). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. O autor também define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida pelos outros da maneira como quer. Segundo o autor, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 205).

Outro aspecto a ser investigado é que ambos os autores fazem literatura através de um mesmo sistema lingüístico – a língua portuguesa, interagindo ao mesmo tempo com diferentes sistemas culturais. É interessante lembrar que as literaturas escritas em língua de colonização, queira-se ou não, vieram trazer alguma inquietação aos estudos literários tradicionais habituados, como estavam, a uma identificação homogênea.

O aspecto cultural da identidade no processo de hibridização, decorrente das novas relações dos sujeitos no mundo. Segundo Edward Said, citado por Eagleton (2005, p. 28), “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas”. Desta forma, a literatura contemporânea, mais do que nunca, se insere nesses novos processos que representam o novo mundo, mundo de representações e representações, mundo cercado de certezas e dúvidas, mais dúvidas do que certezas, cabendo-lhe a árdua tarefa de recriar esta complexa realidade cruzada de complexos conceitos que estão em construção e se fragmentam cada vez mais.

A memória é um instrumento de poder no qual cresce a história que, por sua vez, a alimenta, procurando salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Conforme Le Goff (2003, p. 471) a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas, e mais ainda na literatura que tem dado grandes contribuições neste sentido. Pela memória, o passado não só vem à tona,

misturando-se com as percepções imediatas, como também se ‘desloca’, ocupando o espaço todo da consciência. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1979, 47). E a representação como constructo teórico histórico-linguísticossocial se serve da memória para se manifestar.

Convém afirmar que por meio da representação travam-se batalhas decisivas de criação e de imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de *poder*. A identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo. Em outras palavras, a identidade e a diferença são construídas na e pela representação: não existem fora dela. “Toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar de um fato” (SARLO, 2007, p.93).

O conjunto de signos e de representações sociais criados para fortalecer uma identidade cultural pode incluir o próprio espaço – ainda que esse carregue um conteúdo (uma “aura de subjetividade”) tanto positivo quanto negativo.

Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólicos. Elas têm aquilo que Eduard Said chama de suas “geografias imaginárias”, suas ‘paisagens’ características, seu senso de ‘lugar’, de casa/lar, de heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas [...] (HALL, 2006, Pp. 71-72).

Entendemos, pois, que as identidades são marcadas e situadas histórico-socialmente no tempo e no espaço, podendo o indivíduo, mesmo longe de seu primeiro território, trazê-lo imaginariamente para o território desconhecido em que ele ocupa e passa a conviver, ressignificando-o a partir de seus interesses.

Segundo Michel Pollak

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra (...) em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

A memória assume desta forma sua real função, a de salvaguardar o passado, e fazer com que ele seja ressignificado no presente, seja o referencial da própria memória que sobrevive da consciência coletiva e cria nos homens o sentimento de pertencimento espaço-temporal, inscrito em suas representações identitárias.

O ambiente pós-colonial em Angola implicou uma revisão significativa dos valores da tradição em perspectiva com uma memória violenta, do passado recente. À literatura angolana contemporânea cabe, portanto, significar os registros do passado, interrogando na sociedade os valores que devem ser priorizados. Com a sua ficção, José Eduardo Agualusa leva a efeito este processo, ressignificando o presente a partir de um novo paradigma, centralizado no novo sujeito – o nômade, o traduzido que sai da periferia, para ocupar o centro. Hall (2006) afirma que todas as nações são, por excelência, híbridas e “pensa a África como elemento que sobreviveu e como meio de sobrevivência na diáspora, defende a hibridização ou ‘impureza’ cultural enquanto a ‘forma em que o novo entra no mundo’” (HALL, 2008, pp. 18-19).

Angola é uma Nação que busca afirmar-se como tal, depois de anos de colonização, ou como afirma Artur Carlos Maurício dos Santos

despojados que fomos de nossa História por séculos de obscurantismo, muitas vezes nos sonhando iguais aos outros, mas sempre temerosos da comparação, nada igualava as tradições da Europa a que tínhamos que ficar para sempre agradecidos porque das trevas nos tirou, quando afinal as trevas vinham de lá e nos escondiam de nós próprios, órfãos de passado (PEPETELA, 1990, P. 471).

Desconstrói-se o discurso hegemônico que colocava os portugueses como “bonzinhos”, heróis e “salvadores” de uma “raça” submetendo os africanos a este falso paradigma que não levava em conta a cultura que os representavam.

No romance, o momento em que Ventura opta (mediante o dinheiro deixado pelo estranho que posteriormente se tornaria seu cliente) ser falsário, Agualusa aponta para um sujeito que se esconde atrás de algumas máscaras da sociedade emergente de Angola, que mediante o contexto social acabavam se corrompendo em nome da sobrevivência. A personagem Félix Ventura (FV), seduzido pela quantia de dinheiro – dez mil dólares –, perturba-se pela crise de consciência que se instala. Isto vem confirmar a crise de representação que o povo angolano estava a passar.

As rupturas na representação por conseguinte têm conseqüências em três níveis de abstração: personalidade, interação e estrutura social. Embora a probabilidade de ruptura varie amplamente de interação

para interação, e conquanto a importância social de prováveis rupturas varie de uma interação para outra, ainda assim parece não haver interação na qual os participantes não tenham uma apreciável probabilidade de ficar ligeiramente embaraçados ou uma ligeira probabilidade de ficar profundamente humilhados. A vida pode não ter muito de semelhante a um jogo, mas a interação tem. Além disso, na medida em que os indivíduos fazem esforços para evitar rupturas ou para corrigir as que não puderem ser evitadas, estes esforços também terão consequências simultâneas nos três níveis (GOFFMAN, 2005, pp. 222-223).

O autor mostra, desta forma, que o homem em sociedade sempre estará interagindo com situações embaraçosas, rompendo ou não com o sentido de representação que possui, resultando num processo de crise de identidade.

Esta discussão em torno da representação é complexa, principalmente no tocante à memória e à identidade, pois essas três categorias teóricas estão em construção, e sua formação perpassa pelo viés interdisciplinar, movidos pela flexibilidade, incompletude e insegurança que a Pós-Modernidade nos trás. Ela sugere que a linguagem em que qualquer forma de representação opera não pode escapar a contaminação ideológica. Conforme Hutcheon (1991, p. 227-228), citado por Eagleton “todas as práticas sociais existem na ideologia e por meio da ideologia e, como tal, a ideologia passa a significar ‘as formas nas quais aquilo que dizemos e em que acreditamos se liga à estrutura de poder da sociedade em que vivemos’”. Estamos, desta forma, envolvidos de representação. A todo momento representamos, descentrando a posição de indivíduos para a posição de sujeitos que entram em cena representacional. Isto é o que sucede na vida das personagens do romance de José Eduardo Agualusa. Em um dado momento da história o Ministro procura por Félix Ventura, pois precisava escrever um diário, e FV escreveu-lhe histórias magníficas, consistentes com a realidade da classe dominante daquela época, adaptando-a através de um imaginário social ideologicamente situado.

Toda sociedade conta com um sistema de representação cujo sentido traduz um sistema de crenças que torna legítimo a ordem social em vigor. Trata-se de uma complexa rede de sentidos que circula, cria e recria, instituindo-se na luta pela hegemonia. Não é difícil de entender que o imaginário institui verdades, no plano do conhecimento, muitas vezes o real aparece como mentiroso, inautêntico e até odioso. O imaginário social, como um sistema simbólico, reflete e se intrinca nas práticas sociais em que se constroem processos de entendimento, de crenças e de ritualizações. São, pois, processos de produção de sentidos que circulam na sociedade, permitindo a regulação de comportamentos, a identificação e a distribuição de papéis sociais. Isso é

vivido de tal forma pelos agentes sociais que passa a representar para o grupo o sentido daquilo que é verdadeiro.

Reportando-se à obra literária em estudo, constatamos que a personagem José Buchmann busca adquirir uma nova identidade, submetendo-se ao imaginário social imposto ao mesmo para que ele ocupe um lugar na sociedade de prestígio. Outra personagem que foi bem instruída por FV foi o ministro que o procurou para ajudar-lhe na publicação de um livro de memórias intitulado “A vida verdadeira de um combatente”, e mais uma vez FV cria eventos para melhor contextualizar a vida de um homem público numa relação com o imaginário social que, certamente, representará mais uma identidade imaginária para um sujeito que precisa se identificar como sujeito participante da estrutura do poder dominante. Desta forma, instaura-se, mais uma vez, o que Stuart Hall chama de crise de identidade, afirmando que esta

é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” [...] Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo (HALL, 2006, pp. 7-9).

Na realidade todos os personagens do romance passam por esse processo – crise de identidade. Isto se constata no momento em que eles procuram pelo VP para que o mesmo o “vendam” uma identidade mediada pela memória, capaz de lhes proporcionar uma vida mais tranqüila e privilegiada, representando a ideologia que predomina na sociedade em que vivem. Podemos constatar também que no romance Os Cus de Judas isto se repete, pois quando o personagem médico volta da sangrenta guerra em Angola entra em crise de identidade, diante de sua antiga vida que deixara em Portugal antes de ir para a guerra. Ele não consegue interagir com a sociedade portuguesa a qual pertence mediante as lembranças que a sua memória registrou da intensa experiência que obtivera. Esta experiência não consegue realizar o desejo de suas tias que segundo o romance achava que a guerra o transformaria num homem de caráter, de prestígio social, conservando os bons costumes de sua tradicional família.

Entendemos, desta forma, que a memória é um instrumento de poder. É ela que molda o homem em sua identificação cultural na sociedade. A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade. Como assinala Pollak

(1992), a memória resiste à alteridade e à mudança e é essencial na percepção de si e dos outros. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de comunidade e de coerência – isto é, de identidade. As lembranças dos seres humanos continuam permanecendo coletivas e nos são recordadas por outra, ainda que se trate de fatos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que tão somente foram vistos por nós. “Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

À medida que o VP constrói identidades para seus “clientes”, realizando o *desmanche da cultura, globalizando o pós-moderno*, conforme bem assinalou Featherstone (1997), refletindo a realidade vivenciada pelos angolanos no período pós-colonial, conscientizando-se de que a “reorganização dos cenários culturais e os cruzamentos constantes das identidades exigem investigar de outro modo as ordens que sistematizam as relações materiais e simbólicas entre os grupos” (CANCLINI, 2008, P. 309).

Outra questão oriunda da manifestação do fenômeno pós-moderno diz respeito ao processo da des-reterritorialização que fez e continua fazendo parte em todo o mundo contribuindo para o desenvolvimento do hibridismo cultural. Muitos dos cidadãos angolanos são exemplos vivos deste processo, e o romance sinaliza este problema quando faz menção a vários personagens que estão inseridos neste contexto diaspórico. A sociedade é por excelência híbrida, e este hibridismo só foi possível graças a esse fenômeno, mediante à entrada e saída da modernidade. Nestor García Canclini a respeito disso afirma que

As buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização e reterritorialização. Com isso, refiro-me a dois processos: a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas (CANCLINI, 2008, p. 309).

Desta forma, o autor vem confirmar o que este artigo vem tentando demonstrar. O hibridismo é a maior e principal característica desta obra literária que sabiamente consegue de forma interdisciplinar abordar as tensões sofridas pelos angolanos neste

processo de des-reterritorialização que a pós-modernidade lhes proporciona, e as identidades são constituídas através desta interação.

A literatura é o recurso utilizado neste trabalho para representar o mundo angolano pós-colonial, ou melhor, representá-lo, desordená-lo.

A mimesis é um dos processos mais básicos do fazer artístico, mas também um dos mais complexos. Como esclarece Barthes, essa complexidade acontece porque o “real não é representável” (1988:22). E é a insistência incessante dos homens em representar o real por intermédio das palavras e de variadas maneiras possíveis que faz que tenhamos uma história da arte, uma história da literatura. O real é demonstrável e não representável em virtude da falta de coincidência topológica entre a ordem pluridimensional do real e a unidimensionalidade da linguagem. Tal descompasso entre a pluridimensionalidade do real e a unidimensionalidade das palavras é que dá vida à literatura (MILANEZ & GASPAR, 2010, p. 188).

Desta forma, na literatura multiplicam-se as possibilidades de entendimento do mundo com a construção polissêmica de muitas verdades e sentidos, tornando uma, entre tantas outras representações que se tem do mundo, autorizada pela sociedade a representar o passado de forma “inventiva” e coerentemente literária.

Segundo Wolfgang Iser (1996:195), citado por Milanez & Gaspar (2010) a “ficção não medeia entre a realidade e o conhecimento mas age como transgressão do que é dado, a fim de fazer valer o imaginário – processo que se fecha ao conhecimento e não pode ser alcançado pela referencialidade” (2010, p. 191). A literatura se apropria de verdades instituídas historicamente, fazendo os homens refletirem sobre suas práticas incoerentes, sobre aquilo que está desordenado e a sociedade precisa arrumar para parecer organizado. Ela acaba construindo verdades e interferindo no imaginário simbólico do mundo.

Comparar as obras literárias constituiu um árduo trabalho, pois requer do pesquisador um “olhar rastreador”, um duplo olhar que possa focalizar os dois lados da mesma moeda: o corte literário e o corte histórico, o corte textual e o corte contextual a serviço da *mimesis* (a força da representação). Desta forma, todo o trabalho desenvolvido neste artigo encontrou na representação sua âncora.

Considerações Finais

A representação, compreendida como processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero

ser? Os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

. A personagem Pedro Gouveia realizou-se como José Buchmann. Como migrante que era, híbrido por natureza, conseguiu resolver sua crise de identidade a partir da aceitabilidade de uma nova identidade, fruto de um processo des-reterritorializante. O próprio Félix Ventura permaneceu em seu *espaço liso*, pois era um nato nômade de “carteirinha”, conseguindo criar personagens, tempo e espaço de acordo com o novo perfil da pós-modernidade, incluindo-se perfeitamente nela, realizando-se através do imaginário social em que viviam suas “identidades”. O ministro se realiza com o seu diário cheio de “verdades e mentiras”, mas que atende às exigências da sociedade emergente angolana. O Mascarado definitivamente se aceita, e se sente feliz com a “cara” que não é a sua, passando-a ser sua. Angela Lúcia continua sua história, fotografando nuvens, realidades, sensações e hibridizações, e a personagem Osga morre em combate, concluindo a sua história que, dentre todas as personagens, possuía uma grande consciência híbrida culturalmente, pois já passou por vários momentos de des-reterritorialização, e conseqüentemente, de hibridização, portadora de uma memória viva, proporcionando-lhe transcender a própria memória. Simbolicamente a Osga representa a vitória dos angolanos, adquirida através de sua própria morte, da morte de muitos angolanos.

O médico, personagem protagonista do romance *Os Cus de Judas*, após a grande experiência com a guerra em Angola, retorna a Lisboa levando consigo um comboio de memórias fragmentadas, memórias de sangrentas lembranças que invadem a sua alma, dificultando a sua readaptação em seu país, sentindo-se estranho em seu território de origem, representando, desta forma, todos os retornados da guerra e ao mesmo tempo todos os sofridos sobreviventes angolanos.

A realidade cruza com a ficção na própria ficção, e a ficção é representada pela ficção recebendo o aval do real. Ficamos com as palavras de Montaigne “Nada parece verdadeiro que não possa parecer falso” (AGUALUSA, 2006, p. 132). A literatura cumpre o seu papel sendo diálogo interdisciplinar representativo da realidade, da história, da identidade, do hibridismo e do processo de des-re-territorialização, acompanhados pela presença da memória que reorganiza o passado e o ressignifica tendo em vista às exigências do novo momento pós-moderno.

Enfim, Agualusa discorre em seu romance a busca ansiosa de suas personagens por identidades, que por sua vez, foram construídas num processo de hibridismo de

caráter des-re-territorializador, uma vez que as mesmas não foram formadas a partir do próprio território angolano, elas são frutos também do processo migratório, como bem sinaliza o romance, “tornou-se fotógrafa, como eu, e como eu, tornou-se nômade” (AGUALUSA, 2004, p. 193). “Deleuze e Guattari, citado por Featherstone (1997, p. 174) afirma que “O nomadismo e a migração são encarados não apenas como características da condição global contemporânea, mas como fundamentais para a linguagem. [...] O nômade tornou-se uma categoria importante nesse tipo de literatura sobre os estudos culturais”. E é exatamente este potencial nomadismo que integra o personagem FV que o faz ser tão criativo, caracterizando-o como um sujeito pertencente à Pós-modernidade.

Enfim, ler essas duas obras e compará-las literariamente levou-nos a descrever a representação e a memória como dois instrumentos que a literatura se utiliza para realizar sua ficção interdisciplinariamente. O tecido literário evocou a presença simultânea dos dois processos que a constituem – o real e o imaginário, construídos numa relação de poder materializado simbolicamente através de seus personagens. E desre-territorialidade como fenômeno pós-moderno conseguiu construir novas identidades no território angolano. Ler essas duas obras foi, certamente, entender melhor a nossa própria história e sua dimensão pluricultural, garantindo-nos uma abordagem lusófona.

Espera-se que este artigo venha ser um contributo importante no aprimoramento da leitura em torno da identidade cultural, intermediada pela memória e assistida pela pós-modernidade, e que a literatura seja mais uma vez a porta-voz dos fenômenos que estão desconstruindo e abalando as velhas formações ideológico-discursivas no mundo globalizado pela informação e pela heterogeneidade cultural.

Referências Bibliográficas

AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

EAGLETON. **A idéia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 7. Ed.. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. MEC/FNDE – Companhia das Letras. Ed. Schwarcz, 1998.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da Introdução Gênese Andrade. – 4. Ed. 3. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. – São Paulo: Studio Nobel : SESC, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, 224 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**, Vol. 02, nº 03. Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.